

CONTROLE MINERAL E ASCENSÃO GEOPOLÍTICA: A AMÉRICA LATINA NA GRANDE ESTRATÉGIA CHINESA

Vinicius dos Santos Santana ¹

Pablo Ibanez ²

Resumo

Este artigo analisa a importância do controle da cadeia produtiva mineral na grande estratégia chinesa de ascensão geopolítica e sua repercussão na América Latina. Fundamentado nas pressões da competição intercapitalista e na busca histórica de Pequim por autonomia, o estudo examina como a China converteu sua vantagem geológica em poder geoeconômico através do domínio sistêmico do refino de minerais críticos, como terras raras e lítio. Demonstra-se que, enquanto a China salta estágios tecnológicos com os "Três Novos", a América Latina emerge como o pilar físico dessa transição, enfrentando riscos de reprimarização estrutural e dependência tecnológica. Conclui-se que a superação dessa especialização regressiva exige uma resposta regional coordenada, pautada na integração soberana e na agregação de valor local para garantir um desenvolvimento autônomo.

Palavras-chave: Geopolítica da China; Minerais Críticos; América Latina; Transição Energética; Grande Estratégia.

MINERAL CONTROL AND GEOPOLITICAL RISE: LATIN AMERICA IN CHINA'S GRAND STRATEGY

Abstract

This article analyzes the importance of mineral production chain control within China's grand strategy for geopolitical rise and its impact on Latin America. Based on the pressures of inter-capitalist competition and Beijing's historical search for autonomy, the study examines how China converted its geological advantage into geoeconomic power through systemic dominance over the refining of critical minerals, such as rare earths and lithium. It demonstrates that while China leaps technological stages with the "Three New" industries, Latin America emerges as the physical pillar of this transition, facing risks of structural reprimarization and technological dependence. The study concludes that overcoming this regressive specialization requires a coordinated regional response, focused on

¹ Mestrando em geografia, UFRRJ, vinidsantana@gmail.com.

² UFRRJ, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, ibanez.pablo@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-8668-2257>

sovereign integration and local value addition to ensure autonomous development.

Keywords: China's Geopolitics; Critical Minerals; Latin America; Energy Transition; Grand Strategy.

CONTROL MINERAL Y ASCENSO GEOPOLÍTICO: AMÉRICA LATINA EN LA GRAN ESTRATEGIA CHINA

Resumen

Este artículo analiza la importancia del control de la cadena de producción mineral en la gran estrategia china de ascenso geopolítico y su repercusión en América Latina. Basado en las presiones de la competencia intercapitalista y la búsqueda histórica de Beijing por la autonomía, el estudio examina cómo China convirtió su ventaja geológica en poder geoeconómico a través del dominio sistémico del refinado de minerales críticos, como tierras raras y litio. Se demuestra que, mientras China salta etapas tecnológicas con los "Tres Nuevos", América Latina emerge como el pilar físico de esta transición, enfrentando riesgos de reprimarización estructural y dependencia tecnológica. Se concluye que superar esta especialización regresiva exige una respuesta regional coordinada, basada en la integración soberana y el valor agregado local para garantizar un desarrollo autónomo.

Palabras clave: Geopolítica de China; Minerales Críticos; América Latina; Transición Energética; Gran Estrategia.

1. Introdução: A estratégia mineral chinesa e o lugar da América Latina

A história recente chinesa pode ser caracterizada como um período de tensão permanente entre o trauma colonial e uma busca contínua por autonomia. Sob a égide do que Pequim denomina como o “século de humilhação”, a China transformou-se em um laboratório sociopolítico onde ocorreram importantes revoluções, cujos marcos fundamentais foram a fundação da República Popular, a partir do levante socialista de 1949, e a guinada econômica de 1978, que resultou em sua progressiva abertura ao mercado global (ARRIGHI, 2008).

Esses episódios impulsionaram a rápida ascensão chinesa, na qual a intervenção Estatal, a industrialização acelerada, a integração seletiva na economia-mundo, o forte crescimento econômico e progressos significativos na redução da pobreza foram fatores de destaque (CHANG, 2009). De um dos países mais pobres do mundo, com baixa renda per capita e estruturalmente destruído por guerras e pelo colonialismo, o dragão

asiático se reconstruiu, redesenhando não apenas o mapa geopolítico da Ásia, mas também alterando profundamente as correlações de poder ao propor uma nova ordem internacional. Dessa forma, a China materializou sua transição, transitando de um legado de domínio colonial a um proeminente sujeito histórico e geoestratégico (DOSHI, 2021).

Contudo, essa ascensão não ocorre sem resistências. A nova dinâmica das relações de poder global resulta em um período de turbulência marcado pela tentativa de manutenção do poder hegemônico ante o avanço de potências que contestam a ordem estadunidense (FIORI, 2018). Para consolidar-se como a principal nação emergente, o Reino do Meio vem traçando seu projeto de desenvolvimento de longo prazo. Além de possuir a liderança na produção industrial mundial e dominar setores tecnológicos cruciais — como o de baterias, carros elétricos e painéis solares —, o controle sistêmico de cadeias produtivas tem sido utilizado para garantir proteção contra as investidas geoeconômicas do atual hegemon (ABRAHAM, 2017).

Nesse contexto de competição intrassistêmica, o objetivo da presente pesquisa é entender a importância da produção mineralógica no interior da grande estratégia chinesa. O controle das maiores jazidas mundiais de terras raras e o monopólio de seu refino conferiram à China uma vantagem estratégica fundamental ao concentrar o gerenciamento dos elos produtivos associados às mais proeminentes tecnologias de fronteira.

Longe de ser fruto do acaso, o controle de setores estratégicos foi uma tática pensada e desenvolvida com paciência ao longo de muitos anos, refletindo a percepção de Pequim de uma constante ameaça exterior à sua soberania. Essa visão de longo prazo foi sintetizada de forma premonitória por Deng Xiaoping em 1992 ao afirmar que o Oriente Médio tem o petróleo, a China tem as terras raras (DENG apud ABRAHAM, 2017). Tal declaração evidencia que, já no início da década de 1990, a liderança chinesa compreendia o potencial desses minerais como um recurso de poder nacional equivalente ao petróleo, tratando-os como um ativo geoestratégico capaz de conferir ao país uma vantagem comparativa inigualável no século XXI.

Para mitigar a percepção de vulnerabilidade e garantir a sua autonomia, a China buscou o controle de elementos que lhe conferissem poder de negociação com o Ocidente, convertendo a dependência alheia em relação à sua infraestrutura extrativa e de beneficiamento em um instrumento de dissuasão política.

Para consolidar o seu Grande Jogo, a China tem afirmado sua liderança frente ao Sul Global e tem angariado oportunidades de investimento por parte de suas empresas no exterior, consolidando sua posição de grande potência capaz de desafiar a ordem vigente. Para isso, o poder emergente tem buscado atuar com protagonismo em fóruns internacionais, visando consolidar a sua posição no que defende ser o "futuro compartilhado das nações", associando-se ao discurso ambiental ao mesmo tempo em que se estabelece como o pilar estruturante da transição verde, sendo o seu maior fornecedor de bens e tecnologias – elementos que são intrinsecamente vinculados ao domínio mineralógico da nação asiática.

Neste cenário, a América Latina tem estreitado relações com o gigante asiático, tornando-se peça-chave para o suprimento de insumos fundamentais. A potência asiática ampliou os seus investimentos via expansão da *Belt and Road Initiative* e através da aquisição estratégica de minas, fortalecendo sua posição na prospecção que lhe garante preeminência na cadeia global de valor. Esse setor é fundamental para a estratégia chinesa de consolidação como uma potência tecnológica e para o fortalecimento de seu controle sobre as cadeias produtivas. Assim, a região desponta como uma área de grande interesse para a materialização dos interesses chineses no Hemisfério Ocidental.

Diante do exposto, a nossa inquietação acadêmica foi guiada no sentido de responder: de que forma o controle da cadeia produtiva de minerais estratégicos se constitui como um pilar central da grande estratégia chinesa de ascensão geopolítica, associada à contestação da ordem internacional liderada pelos EUA, e qual a importância da América Latina nesse embate?

A relevância dessa questão reside no fato de que essa configuração de poder estabelece uma nova geografia das trocas desiguais, na qual a América Latina, apesar de sua vasta riqueza mineralógica, vê-se diante do risco de uma reprimarização estrutural

de suas economias. A dinâmica de exportar minérios em estado bruto para alimentar a sofisticação industrial chinesa e, em contrapartida, importar tecnologias de alto valor agregado, consolida um padrão de dependência que submete o território latino-americano às urgências da transição energética do gigante asiático e mantém a região estagnada em uma especialização produtiva de baixo valor agregado.

Assim, a proeminência chinesa na região não se manifesta apenas através do investimento direto e aquisições, mas soma-se a uma reconfiguração da Divisão Internacional do Trabalho, onde a liderança tecnológica de Pequim é sustentada pelo controle estratégico e pela extração de recursos em periferias globais, transformando a América Latina em um espaço de reserva e viabilização da grande estratégia chinesa.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

2.1 A Natureza da Competição no Sistema Internacional Contemporâneo

A expansão do sistema capitalista no período subsequente à Guerra Fria tem promovido uma profunda reorientação do eixo econômico e político mundial. Em um movimento de contrariedade aos interesses ocidentais, o Oriente ganha cada vez mais expressão, convertendo a Eurásia em um tabuleiro geopolítico entrincheirado, cada vez mais demarcado por uma disputa intensa.

Nesse panorama, a mudança do centro de gravidade global manifesta-se na ascensão da Chinesa como um fator preponderante (DICKEN, 2015). A consolidação do dragão asiático como potência sistêmica teve como resultado a reconfiguração de seu relacionamento com os EUA, essas mudanças têm sido a causa de questionamentos ao arcabouço que sustentou a hegemonia ocidental nas últimas décadas, tensionando a estabilidade da ordem internacional.

O descompasso dentro do sistema Internacional, entre as potências que se beneficiam da ordem e os Estados que reivindicam um incremento de poder, pressionando as transformações no sistema, levaria a crise internacional, as proposições teóricas de autores como Modelski (1987), Gilpin (1981, 1988, 2001), Mearsheimer (2001), Fiori (2007, 2014), donde a guerra seria, em última instância, o árbitro da resolução de conflitos. (FARIAS, 2022, p. 23)

Na contemporaneidade, as pressões sobre o sistema seguem por caminhos para além dos conflitos. Outros meios, como a política, ou a diplomacia, configurariam formas de ajuste nas relações de equilíbrio de poder no sistema. Nesse contexto, a disputa entre potências exerce a condição de principal mecanismo impulsionador das transformações mais profundas no Sistema Internacional, visto que, contemporaneamente, a economia tem se configurado como um campo de batalha indissociável das disputas geopolíticas (BLACKWILL & HARRIS, 2016).

Para compreender a fundo essa dinâmica, é preciso analisar suas causas estruturais. Observando a instabilidade e a lógica de crise emerge uma dimensão espacial importante a ser compreendida: "a questão da organização espacial e da expansão geográfica como produto necessário para o processo de acumulação" (HARVEY, 2005, p. 48). Para esse geógrafo, o desenvolvimento econômico traz consigo o embrião de sua própria crise, uma vez que a reprodução do capital não é acompanhada em seu ritmo por sua realização no consumo.

O capital excedente criado pelo excesso de produtividade nas grandes potências teria dificuldade em ser absorvido e reinvestido. Uma vez fora de seu ciclo de reprodução, o capital tende a se desvalorizar, gerando crises. Para suplantar tal colapso, torna-se imperativa a criação de mais demanda, produzir novas condições para a circulação de capital, gerar novos "desejos e necessidades de consumo", o que impele o sistema a se expandir geograficamente "para novas regiões, incrementando o comércio exterior, exportando capital e, em geral, expandindo-se rumo à criação do que Marx denominou de mercado mundial" (HARVEY, 2005, p. 48).

Em cada momento de superprodução, o capital procura um "ajuste espacial" por intermédio de investimentos em áreas como infraestrutura e urbanização. A evolução do sistema capitalista nos próprios centros geopolíticos e sua expansão geográfica para territórios às margens do poder hegemônico fazem parte das tentativas de recuperação da valorização e da sobrevivência do modo de produção.

Essa busca por novos domínios territoriais e expansões geográficas são medidas que visam estabilizar as contradições inerentes do capitalismo. Contudo, a territorialização do capital em uma nova área pode desequilibrar as relações

geopolíticas em favor dessa área anteriormente subordinada. É precisamente como ocorreu na China, onde “o desenvolvimento incontido do capitalismo em novas regiões causado pelas exportações de capital produz desvalorização no país de origem devido à competição internacional.” (HARVEY, 2013; p. 627).

Essa crise desafia a potência hegemônica que busca hierarquizar a relação de poder entre os países e, ao se sentir ameaçada, ela pode (re)construir toda a ordem em seu favor, minando a concorrência de países emergentes. Nesse sentido, a estabilidade do sistema só ocorre em momentos nos quais o domínio da grande potência vigente não é ameaçado. Quando posto em risco, o hegemom tende a reconfigurar toda ordem, pois “os impérios não têm interesse em operar dentro de um sistema internacional; eles aspiram a ser o próprio sistema internacional” (FIORI, 2005, p. 69).

Na análise de Fiori (2005), toda grande potência se sente obrigada a expandir o seu poder. Essa busca não apresenta um limite, pois ela é relacional, está submetida a competição dos demais Estados e por isso cada ente buscará aumentar seu poder até o limite do monopólio absoluto e global. Essa ambição gera um paradoxo intrínseco: submetida à competição dos demais Estados, cada ente buscará aumentar seu poder até o limite do monopólio absoluto. Logo, o crescimento do hegemom retroalimenta a busca por poder pelos demais participantes do sistema internacional, frequentemente interpretado como anárquico e como um jogo de soma zero. Ao contrário da paz, trata-se de um concerto global que precisa da guerra e das crises para poder se ordenar e se estabilizar (FIORI, 2008).

Dentro dessa lógica, o sistema internacional tende a caminhar para a instabilidade sempre que novos postulantes emergentes desafiam a ordem vigente. Neste ponto, a análise de Milton Santos é esclarecedora sobre a natureza do poder americano:

Quando os Estados Unidos se sentiram prontos a entrar vantajosamente na competição, através das suas novas tecnologias, mesmo as da informação, e por meio dos sistemas produtivos correspondentes, compreenderam que a primeira tarefa era dismantelar as condições socioeconômicas e sociopolíticas que lhes constituíam um obstáculo. (...) Ao contrário dos anteriores, o império americano do pós - guerra não tem como base a posse de colônias, mas o controle de um aparelho produtor de ciência e de tecnologia e a associação entre esse aparelho, a atividade econômica e

a atividade militar. Estava, por conseguinte, aberta a porta para o triunfo de um novo sistema. (SANTOS, 2009, P. 27-28)

É precisamente neste contexto que a rivalidade EUA-China se manifesta com maior nitidez. Dentro da dinâmica de disputa internacional, desde a articulação da política do "Pivô para a Ásia" (*Pivot to Asia*) pela administração Obama, até a intensificação das sanções contra a Rússia em resposta à anexação da Crimeia, a geopolítica mundial foi assumindo novos contornos de fragmentação. Sob a gestão Trump, foi conferida centralidade à "Competição de Grandes Poderes" como o princípio organizador da Estratégia de Segurança Nacional de 2017, consolidando o deslocamento das prioridades estadunidenses do combate ao terrorismo para a contenção de rivais sistêmicos.

Nessa rivalidade, a disputa EUA-China intensificou-se a ponto de transcender a esfera regional e alcançar a escala global. O intenso crescimento econômico chinês, coligado à ampliação da influência política e ao seu fortalecimento militar, alçou o país ao patamar dos protagonistas incontestáveis do sistema mundial. Sob tal ponto de vista, a guerra comercial implementada a partir da lógica do "*America First*" — ainda vigente e ampliada em suas dimensões tecnológicas — e as reverberações da guerra Rússia-Ucrânia são respostas diretas à expansão chinesa e tentativas de contenção de sua projeção de poder.

Assim, o crescimento chinês representaria, na visão estadunidense, um declínio relativo de suas próprias capacidades (ESTADOS UNIDOS, 2017). Esse cenário resulta em um paradoxal xeque aos princípios da globalização e do liberalismo econômico pelo próprio país que os instituiu. Assim, os Estados Unidos parecem adotar medidas que, em última instância, desafiam a ordem que eles mesmos estabeleceram. Contudo, como discutido anteriormente, o projeto de hegemonia não se assenta sobre a manutenção estática de uma ordem, mas na criação e recriação de ordens internacionais que preservem a primazia do ator que hierarquiza as relações internacionais.

Segundo os relatórios de defesa (ESTADOS UNIDOS, 2024), a ascensão sino-russa como potências globais tem resultados para além da crescente corrida armamentista. Esses países questionariam as bases do domínio estadunidense e, consequentemente,

desafiariam a ordem da Globalização assentada em parâmetros definidos pelo Ocidente. Todavia, para os EUA, mesmo tratando-se de potências revisionistas, seria a China a única concorrente com a intenção e com a capacidade multidimensional de remodelar a ordem internacional, operando em uma miríade de frentes, da diplomática e tecnológica à militar. O crescimento exponencial do país e sua atual primazia tecnológica marcam um momento em que o mundo assume, de forma crescente, características “chinesas”. O mesmo relatório acrescenta:

“A super potência asiática está usando sua capacidade tecnológica e crescente influência sobre instituições internacionais para criar condições mais permissivas para seu próprio modelo autoritário e para moldar o uso e as normas globais da tecnologia para privilegiar seus interesses e valores” (ESTADOS UNIDOS, 2024, p. 23).

Os planos estadunidenses fortalecem às inquietações do PCCh acerca de sua relação com os países ocidentais, sobretudo, com os EUA desde o fim da URSS: percepção de enfrentamento; sentimento de que o Ocidente os cerca e os ataca e necessidade de fortalecimento da identidade da nação para garantia da soberania (DOSHI, 2021).

Ao se perceber em constante ameaça, a China buscou na interdependência com o capitalismo ocidental um freio às suas vulnerabilidades. Nesse sentido, a produção de terras raras foi vital para essa aproximação, uma vez que a tecnologia para refino e os custos de produção são incomparáveis quando realizados em território chinês, criando uma armadilha de dependência mútua.

Os líderes do Partido Comunista sabiam que um rompimento abrupto no relacionamento com o Ocidente levaria a um declínio drástico no acesso a capital e tecnologia estrangeira (BRZEZINSKI, 2001). Por isso, os chineses evitaram estabelecer uma posição conflitante ostensiva por décadas, adotando a estratégia *Tao guang yang hui* (韬光养晦) — “esconda sua força, espere seu momento”. Essa postura, seminal desde a abertura de Deng Xiaoping, tinha como objetivo assegurar um ambiente internacional pacífico para o desenvolvimento interno, mantendo um perfil discreto nas relações exteriores enquanto a base material do poder nacional era silenciosamente construída.

2.2 O Instrumento Geoeconômico: O Controle das Cadeias Produtivas

A partir da compreensão dessa nuance da competição entre grandes poderes e da percepção de enfrentamento em relação ao Ocidente, a grande estratégia do dragão oriental envolveria duas fases principais: primeiro, neutralizar ou conter o poder dos EUA; segundo, construir as próprias formas de controle sobre outros Estados, como evidenciado por investimentos militares assimétricos e iniciativas econômicas de larga escala, como a *Belt and Road Initiative* (DOSHI, 2021).

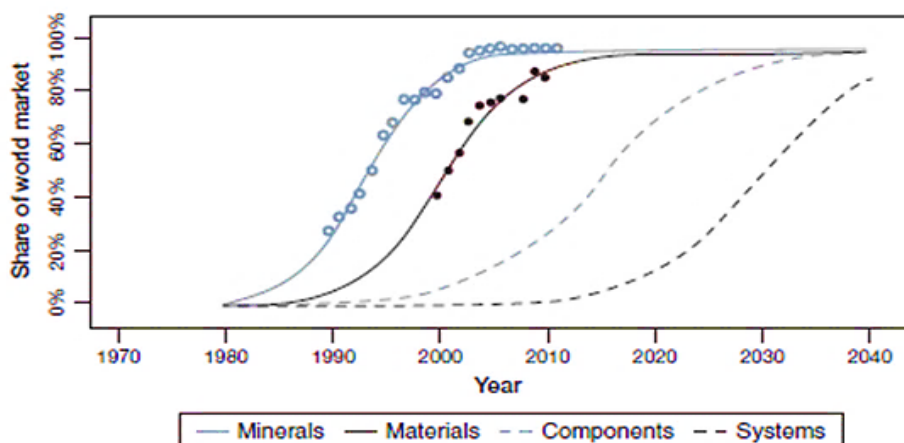
Em articulação com essas fases, Estados emergentes como a China poderiam desarticular pacificamente potências hegemônicas por intermédio de duas táticas amplas, geralmente seguidas em sequência: a primeira consiste em enfraquecer o exercício hegemônico e suas formas de controle sobre o Estado em ascensão, partindo da premissa de que nenhuma potência emergente conseguiria rivalizar pela hegemonia permanecendo sob a tutela de um grande poder. A segunda estratégia, voltada igualmente para o enfraquecimento do *hegemon*, reside na necessidade de construir formas de controle e influência sobre terceiros. Para isso, torna-se imperativo atrair outros atores com barganhas consensuais e legitimidade, de modo que se sintam induzidos a seguir as preferências do Estado emergente.

Para alcançar o primeiro objetivo das táticas supracitadas, o principal meio para viabilizar a sua grande estratégia foi a industrialização. Por este caminho, o país buscou a redução da dependência a partir da internalização e assimilação do progresso técnico ocidental — processo que culmina no esforço contemporâneo da nação asiática para consolidar-se como um centro inovativo mundial (JIN, 2024).

O desenvolvimento tecnológico chinês é um dos fundamentos para suplantando essa subordinação. Para isso, o país buscou diminuir a sua dependência externa ao ampliar o seu mercado interno e transitar do modelo *Made in China* para o *Designed in China*. Deste modo, a China direcionou o seu ímpeto para o investimento em tecnologia e, para isso, apoiou projetos na área de educação, ciência e tecnologia. Com essa ação, conseguiu fortalecer seu sistema de propriedade intelectual, visando a formação de uma mão de obra qualificada, produtiva e capaz de promover o consumo interno.

Subsequentemente, a China implementou instrumentos para alterar as bases de sustentação da acumulação, de forma a capacitá-la a ser cada vez mais autônoma em relação às dinâmicas financeiras e produtivas ditadas pelo governo estadunidense (SILVA, 2023).

Gráfico 1: Participação de mercado da China nas etapas da cadeia de valor.



Fonte: ABRAHAM, 2017

O projeto chinês busca posicionar o país no centro da inovação em setores de fronteira, como Inteligência Artificial e computação quântica. Para conseguir esse objetivo, a nação asiática buscou a integração global e o domínio sobre as cadeias de produção. Como aponta Abraham, os planos partiram do controle da produção de minerais, seguindo para a produção de materiais e componentes, tendo como fim o gerenciamento de sistemas complexos. Dessa forma, mediante o controle sobre a cadeia de valor dos metais — sobretudo na produção e refino de terras raras —, a China visou influenciar a fabricação de bens de alta tecnologia e, simultaneamente, limitar o desenvolvimento de concorrentes ao controlar os insumos que constituem a base física da produção global.

Este domínio, que Abraham conceitua como o controle dos "elementos do poder", permitiu que a China transformasse uma vantagem geológica em uma vantagem geopolítica e tecnológica. Ao combinar o domínio nos campos do processo de fabricação a custos e velocidades inigualáveis ao processamento de terras raras — essenciais para tudo, de *smartphones* a turbinas eólicas e mísseis —, o país construiu uma barreira de entrada difícil de transpor.

Tabela 1: Domínio Chinês no setor mineralógico em setores selecionados 2025.

Categoria	Porcentagem (%)		Categoria	Porcentagem (%)
Reservas de grafita	28%		Capacidade de refino de terras raras	91%
Reservas de terras raras	49%		Capacidade de refino de lítio	60%
Produção de terras raras	61%		Capacidade de processamento de cobalto	70%

Fonte:<https://valor.globo.com/publicacoes/especiais/mineracao/noticia/2025/11/11/china-expande-atuacao-na-area-de-mineracao-em-outros-paises.ghtml>

Atualmente, quando se analisa a oferta mundial de produtos refinados, em especial minerais como terras raras, lítio e grafita, a liderança chinesa é absoluta. Segundo dados recentes, a China detém 91% da capacidade de refino de terras raras, 60% da de lítio e 70% do processamento de cobalto. A Agência Internacional de Energia (IEA) declara que, com base nos projetos em andamento, essa concentração deverá permanecer como a norma durante toda a próxima década, o que coloca em risco a segurança do abastecimento global (IEA, 2024).

A instituição projeta que o refino de elementos magnéticos de terras raras poderá crescer de 81 mil toneladas em 2024 para 115 mil toneladas em 2040. Embora preveja uma diversificação moderada — com a Malásia e os Estados Unidos ampliando suas participações para 8,7% e 7,8%, respectivamente —, a China continuará a ser o centro gravitacional do setor, retendo 75% da oferta mundial em 2040. Essa hegemonia persistente revela que, apesar dos esforços de diversificação ocidentais, a infraestrutura industrial chinesa permanece como o gargalo técnico incontornável da transição energética mundial.

Retornando à ideia de Abraham, esse movimento evidencia que o *stage-skipping* processual foi o alicerce material para que o país comesse a dominar os elos de maior valor agregado. Ao controlar a base física e o refinamento técnico das cadeias de suprimentos, a China pavimentou o caminho para que os líderes tecnológicos do Ocidente se tornassem dependentes da sua infraestrutura industrial. Ao invés de

competir em setores altamente consolidados, como o automobilístico tradicional, Beijing saltou estágios em direção ao novo paradigma tecnológico.

Essa trajetória atinge seu ápice com a emergência dos "Três Novos" (*Xin Sanyang*): veículos elétricos, baterias de lítio e células fotovoltaicas. Diferente dos "Três Velhos" (roupas, brinquedos e sapatos), os "Três Novos" competem pela supremacia técnica e pela definição de padrões globais (CHEUNG, 2023).

Essa arquitetura garante a inserção da China no capitalismo global como um elo indispensável, criando uma profunda dependência externa enquanto o país caminha para a autossuficiência vertical. O posicionamento de Pequim é importante, pois no mundo contemporâneo, o poder das nações está menos relacionado com conflito de exércitos e mais com o domínio da tecnologia de ponta e da segurança cibernética (JIN, 2024).

Ao priorizar a segurança energética e a transição verde, a China eleva a demanda por minerais e, conseqüentemente, garante energia a preços competitivos para sua indústria de transformação, ampliando a oferta para setores de altíssimo consumo e sensibilidade estratégica — como o desenvolvimento de infraestruturas de Inteligência Artificial, ponto nevrálgico da atual corrida pela soberania tecnológica global.

A viabilidade produtiva dessa nova tríade tecnológica é indissociável da escala energética chinesa, cujo custo operacional encontra na abundância da oferta um fator de competitividade determinante. Atualmente, a China consolida-se como o maior produtor de eletricidade do mundo, tendo alcançado a marca de 10.086 terawatts-hora em 2024. Para dimensionar a magnitude dessa infraestrutura, a geração energética chinesa é aproximadamente 40% superior à soma da produção dos Estados Unidos e da União Europeia no mesmo período. Essa disparidade, corroborada por dados do *Energy Institute*³ e consultorias globais, alicerça a base material necessária para a manutenção de sua hegemonia fabril e tecnológica.

³ https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/china-produz-40-a-mais-de-eletricidade-do-que-eua-e-ue-juntos-diz-estudo/#goog_rewarded

Tabela 2: Envolvimento chinês em aquisições de operações de mineração em 2024 e 2025.

Américas		África		Ásia / Oceania	
País	Minerais / Elementos	País	Minerais / Elementos	País	Minerais / Elementos
Canadá	Li, Ni	Mali	Li	Mianmar	Ni
México	Li	Gana	Mn	Indonésia	Ni
Guiana	Mn	Gabão	Mn	Papua Nova Guiné	Ni
Brasil	Sn, Nb, Ni	Namíbia	Li	Austrália	Li, Mn
Argentina	Li	RD Congo	Co		
Bolívia	Li	Zâmbia	Co		
Chile	Li	Zimbábue	Li		

Legenda dos Minerais: Li: Lítio (Li), Cobalto (Co), Níquel (Ni), Manganês (Mn), Estanho (Sn) e Nióbio (Nb)

Fonte: FGV ENERGIA, 2025.

Nesse panorama, a insaciável necessidade chinesa por minerais críticos projeta a América Latina como o epicentro geoeconômico desta disputa. A região torna-se o palco principal para a materialização da segurança mineral de Pequim, com destaque absoluto para o lítio. Este mineral, o "ouro branco" da era digital, constitui o cerne da indústria de baterias e é o componente basilar sem o qual a hegemonia chinesa sobre a frota global de veículos elétricos entraria em colapso.

A busca premente pela garantia de suprimento direciona o capital chinês de forma agressiva para o território latino-americano, especificamente para o "Triângulo do Lítio". Para a China, assegurar o controle sobre esses depósitos não representa apenas uma expansão comercial, mas um imperativo de sua grande estratégia: ao ancorar-se no território sul-americano, Pequim busca converter a vantagem geológica

regional em uma extensão de sua própria soberania industrial, consolidando uma nova geografia da dependência onde o subsolo latino-americano viabiliza o salto tecnológico asiático.

2.3 A Importância da América Latina para a Grande Estratégia Chinesa

É imperativo observar como a crescente demanda energética da Quarta Revolução Industrial e o planejamento de Pequim para se consolidar como potência tecnológica exigem insumos que reforçam a necessidade de construir parcerias estratégicas. Esse movimento dialoga diretamente com a segunda tática apontada por **Doshi (2021)** para o enfraquecimento do hegemon: a construção de formas de controle e influência sobre terceiros por meio de barganhas consensuais e legitimidade, induzindo outros Estados a orbitarem as preferências do poder emergente. A *Belt and Road Initiative* (BRI), estendida à América Latina em 2018, consolidou-se como uma ferramenta ambivalente: serviu tanto para escoar o excesso de capacidade industrial chinesa — como a produção de aço e cimento — quanto como um sofisticado instrumento de política externa.

Inicialmente, o envolvimento com a região latino-americana concentrou-se em projetos de infraestrutura de grande escala, financiados por bancos estatais chineses. Contudo, observamos hoje uma transição significativa no perfil desses aportes. Conforme indicam os dados do Diálogo Interamericano e da Universidade de Boston (2024), o foco passou de empréstimos bilaterais em favor de mecanismos mais diversificados de cooperação e financiamento de projetos específicos.

Essa mudança não sinaliza um desinteresse, mas, sim, um refinamento estratégico. O foco deslocou-se para os minerais críticos, que estão no cerne desta nova fase: lítio, cobre e terras raras concentram acordos voltados a garantir a base material para a indústria de baterias e veículos elétricos da China. Embora o volume bruto de financiamento estatal tenha diminuído, a relação econômica tornou-se mais complexa, com um protagonismo crescente de empresas transnacionais chinesas que atuam na aquisição direta de ativos estratégicos, como demonstra o mapeamento a seguir:

Tabela 3: Projetos de investimentos em minerais críticos capitaneados por empresas chinesas na América do Sul

País	Minério	Forma de ingresso	Projeto e empresas envolvidas	Valor do acordo (US\$)	Ano	Marco recente
Argentina	Lítio	Fusão/Aquisição	Projeto Cauchari-Olaroz (46,7% Ganfeng Lithium)	979 milhões	2019	Início das operações comerciais em 2024
Argentina	Lítio	Fusão/Aquisição	Projeto Tres Quebradas (3Q) (Zijin Mining Group / Liex S.A.)	450 milhões	2021	Expansão prevista em 2025
Argentina	Lítio	Fusão/Aquisição	Zijin Mining Group adquire Neo Lithium	737 milhões	2022	Aquisição total dos bens
Argentina	Lítio	Fusão/Aquisição	Ganfeng Lithium adquire LSC Lithium	962 milhões	2022	Aquisição total dos bens
Argentina	Lítio	Fusão/Aquisição	Projeto Salar Mariana (100% Ganfeng Lithium)	640 mi (iniciais) + 150 mi	2018	Produção iniciada em fevereiro de 2025
Chile	Lítio	Fusão/Aquisição	Tianqi Lithium adquire 23,77% da estatal SQM	4,1 bilhões	2018	Fornecimento de minério para Tianqi e BYD em 2024
Bolívia	Lítio	Joint Venture	Citic Guoan e Yacimientos de Litio Bolivianos (YLB)	1,4 bilhão	2024	Licença para extração em conjunto com YLB
Bolívia	Lítio	Joint Venture	Xinjiang TBA Group e Yacimientos de Litio Bolivianos (YLB)	2,39 bilhões	2019	Licença para extração em conjunto com YLB
Peru	Cobre	Fusão/Aquisição	MMG, Guoxin e CITIC Metal adquirem projeto Las Bambas	4,87 bilhões	2014 / 2022	Dez anos de controle e operações chinesas em 2024
Peru	Cobre	Proj. Construção	Expansão em Toromocho (participação da Chinalco)	5,6 bilhões	2018	Projeto de construção (sem detenção final da mina)
Brasil	Cobre	Fusão/Aquisição	Baying Nonferrous Group adquire Mineração Vale Verde	420 milhões	2024	Sem maiores informações
Brasil	Estanho e Nióbio	Fusão/Aquisição	China Nonferrous Trade (CNT) adquire Mineração Taboca	340 milhões	2024	Sem maiores informações
Brasil	Níquel	Fusão/Aquisição	MMG (China Minmetals) adquire Barro Alto e Codemin	500 milhões	2025	Acordo assinado em fevereiro de 2025

Brasil	Lítio	Fusão/ Aquisição	BYD adquire direitos de mineração no Vale do Jequitinhonha	4 milhões	2023	Direitos sobre 852 hectares; em fase de pesquisa
--------	-------	---------------------	--	-----------	------	--

Fontes: American Enterprise Institute (AEI, 2025), Repositório de IED Chinês na América Latina ICLAC (2025), Red America Latina China y Caribe (Red-ALC, 2025).

As prioridades de Pequim em matéria de segurança alimentar e energética continuam fundamentais, mas a relação está sendo redefinida pelo conceito de “novas infraestruturas” (*new infrastructure*) (MYERS, M.; MELGUIZO, A.; WANG, Y., 2024). Diferente das antigas aquisições baseadas em sobrecapacidade, esta abordagem prioriza a ciência e tecnologia voltada para a energia verde e as técnicas de refino de minerais críticos.

Nesse cenário, a América Latina, que forneceu aproximadamente 98% das importações de carbonato de lítio da China em 2024, tornou-se o pilar físico da transição energética asiática (LOPES KOTZ, 2025). O peso desse comércio representa um desafio considerável para os Estados Unidos, que veem seus parceiros regionais estreitarem laços com um concorrente capaz de oferecer execução célere e flexibilidade diplomática.

Contudo, essa dinâmica aprofunda o hiato tecnológico regional. Enquanto a América Latina exporta carbonato de lítio e minério de ferro, ela importa um volume crescente de produtos de alta tecnologia chineses. Um exemplo emblemático é o crescimento de 55% nas exportações de veículos elétricos chineses para a região em 2023. A China busca agora fabricar em solo latino-americano — como as plantas da BYD no Brasil e de autopeças no México —, mas essas operações permanecem dependentes da importação de componentes críticos e padrões técnicos de Pequim.

Assim, o que se observa é uma “recapitalização” da dependência: a influência financeira e o controle sobre infraestruturas estratégicas (como parques solares e redes de transmissão) tornam a reversão dessas alianças cada vez mais custosa. Caso não haja uma resposta coordenada que priorize a agregação de valor local, a América Latina corre o risco de se consolidar como um mero espaço de reserva e suporte para a autonomia estratégica alheia, permanecendo estagnada na periferia da nova ordem tecnológica.

3 CONSIDERAÇÕES

O arcabouço teórico delineado durante o caminho de nossa pesquisa argumenta que a estratégia mineral chinesa na América Latina não pode ser entendida isoladamente. Ela é, simultaneamente, um produto das pressões estruturais da competição intercapitalista global, como analisado por Harvey (2013) e Fiori (2005), e um instrumento da agência chinesa em sua "grande estratégia" para reconfigurar a ordem internacional, conforme o modelo de Abraham (2017) e Doshi (2021).

A crescente atuação de Pequim na mineração de minerais estratégicos na América Latina é o resultado de uma manobra geopolítica bem delineada, com o intuito de solidificar sua primazia produtiva e tecnológica, além de ter sido concebida como forma de proteção frente a percepção chinesa de ameaça do ocidente.

Entretanto, a ampliação da influência econômica asiática na região vem provocando reações por parte da União Europeia e, sobretudo, dos Estados Unidos que estão tentando evitar que a China controle recursos estratégicos essenciais para a transição energética e para as tecnologias do futuro.

Dessa forma, ao percorrer a dimensão produtiva buscamos compreender o setor mineral não apenas como um componente da política industrial, mas como um instrumento geoeconômico intencional. Esse referencial sustentou a investigação, permitindo analisar de que forma o controle mineral se materializou como a expressão tangível dessa complexa relação geopolítica.

No entanto, o verdadeiro ponto de inflexão reside na forma como a América Latina responderá a esse cenário. A região enfrenta o desafio urgente de evitar a repetição de um modelo econômico que fora baseado exclusivamente na exportação de matérias-primas, o que perpetua sua vulnerabilidade histórica. Como resposta, é essencial fomentar a valorização das cadeias produtivas, o desenvolvimento de capacidades industriais locais e a integração regional. Nessa perspectiva, a solução reside na recuperação de iniciativas de integração regional — Mercosul, União de Nações Sul-Americanas (UNASUL), Iniciativa para a Integração da Infraestrutura

Regional Sul-Americana (IIRSA) —, mas agora com uma nova abordagem, priorizando cadeias produtivas em vez de se limitar à logística ou à exploração.

A América Latina tem novamente a possibilidade de se integrar de maneira decisiva às cadeias globais de valor, mas é necessário vencer os entraves institucionais e reconfigurar sua participação no sistema internacional. Se não conseguirem uma resposta coordenada, os países da região tenderão a continuar presos a uma especialização regressiva, com pouca autonomia para tomar decisões.

Portanto, o que está por vir para a região dependerá de sua habilidade em negociar de maneira prática com as grandes potências, ampliando parcerias e consolidando a soberania sobre seus recursos. A contemporânea busca por minerais essenciais não deve ser vista apenas como um risco de um neoextrativismo e de reprimarização da pauta de exportações, mas pode se configurar **como** uma oportunidade histórica para um desenvolvimento regional sustentável.

Em meio à competição entre grandes potências, uma inserção internacional mais autônoma e estratégica possibilitará que as nações latino-americanas não apenas integrem a transição energética mundial, mas também avancem em direção a um desenvolvimento autônomo. A maneira como esses desafios serão superados definirá tanto a posição da região no novo cenário geoeconômico global quanto a qualidade de seu crescimento nas próximas décadas.

4. Referências Bibliográficas

- ABRAHAM, David S. **The Elements of Power: Gadgets, Guns, and the Struggle for a Sustainable Future in the Rare Metal Age**. New Haven: Yale University Press, 2017.
- AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE (AEI). **China Global Investment Tracker**. Washington, D.C.: AEI, 2025.
- ARRIGHI, G. **Adam Smith em Pequim**: linhagens do século XXI. Rio de Janeiro: Boitempo, 2008.
- BLACKWILL, Robert D.; HARRIS, Jennifer M. **War by Other Means: Geoeconomics and Statecraft**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2016.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Geostrategic Triad: Living with China, Europe, and Russia**. Washington, D.C.: Center for Strategic and International Studies, 2001.
- CHANG, H-J. **Chutando a escada**: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica. São Paulo: UNESP, 2009.
- CHEUNG, Tai Ming. **Innovate to Dominate: The Rise of the Chinese Techno-Security State**. Ithaca: Cornell University Press, 2023.
- DICKEN, Peter. **Global Shift: Mapping the Changing Contours of the World Economy**. 7. ed. New York: Guilford Press, 2015.
- DOSHI, Rush. **The Long Game: China's Grand Strategy to Displace American Order**. Nova York: Oxford University Press, 2021.
- ESTADOS UNIDOS. **National Security Strategy of the United States of America**. Washington, D.C.: The White House, 2017.
- ESTADOS UNIDOS. **National Defense Strategy**. Washington, D.C.: Department of Defense, 2024.
- FARIAS, Hélio Caetano. **Aspectos geopolíticos da guerra do futuro e desafios brasileiros**. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362802335_Aspectos_geopoliticos_da_guerra_do_futuro_e_desafios_brasileiros. Acesso em: 31 mar.2026.
- FGV ENERGIA. **Minerais Estratégicos no Brasil**: Oportunidades de Produção e Inserção no Mercado Global. Rio de Janeiro: FGV Energia, 2025. 1 e-book. Disponível em: <https://fgvenergia.fgv.br/publicacao/caderno-minerais-estrategicos-no-brasil-oportunidades-de-producao-e-insercao-no-mercado>. Acesso em: 31 mar.2026.

FIORI, J. L. **Sobre o poder global**. Novos estudos CEBRAP, n. 73, p. 61–72, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/9QRmdS45LpHNRKR4rrXV77c/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 17 nov. 2024.

_____. (2018). **A SÍNDROME DE BABEL E A NOVA DOCTRINA DE SEGURANÇA DOS ESTADOS UNIDOS**. Revista Tempo Do Mundo, 4(2), 47-56. Recuperado de <https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/12> >. Acesso em: 17 nov. 2024.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. **Global Critical Minerals Outlook 2024**. Paris: IEA, 2024. Disponível em: <https://www.iea.org/reports/global-critical-minerals-outlook-2024>. Acesso em: 31 mar. 2026.

JIN, Keyu. **A Nova China: como a nova geração de líderes chineses está mudando o país e o mundo**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2024

LOPES KOTZ, R. **China and the global expansion of green energy technologies: EVs, batteries and lithium investments in Latin America**. ENERLAC. Revista De energia De Latinoamérica Y El Caribe, [S.l.], v. 8, n. 2, 2025. Disponível em: <https://enerlac.olade.org/index.php/ENERLAC/article/view/345>. Acesso em: 31 mar. 2026.

MYERS, M.; MELGUIZO, A.; WANG, Y. **“New Infrastructure” Emerging trends in Chinese Foreign Direct Investment in Latin America and the Caribbean**. The Dialogue Leadership for the Americas. China LAC Report, 2024. Available at: <https://www.thedialogue.org/wp-content/uploads/2024/01/Emerging-Trends-in-Chinese-Foreign-Direct-Investment-in-LAC.pdf> Acesso em: 31 mar.2026.

RED AMÉRICA LATINA CHINA Y CARIBE (RED-ALC). **Monitor da infraestrutura chinesa**. [S.l.]: Red-ALC, 2025.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Athos Munhoz Moreira da. **A revolução nacional na China: entre autarquia e a dependência**. 2023. Tese (Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257472>. Acesso em: 31 mar. 2026.

Data de Submissão: 31/03/2026

Data da Avaliação: 28/06/2026